

Marx-escritor: sim Mauraux-ministro: não!

PARIS. — O número 972 da revista francesa *ARTES*, posto à venda em França da sua publicação, constitui quase todo e um cerrado ataque a André Malraux. Entende-se: não ao André Malraux escritor, que subvertem ali, quase dos mais belos romances franceses deste século — mas ao mesmo homem nas suas funções de ministro da Cultura do governo de De Gaulle. É este último que «Artes» vem virar pé, pelas caricaturas do seu livro *Tempestade*; não os seus erros que a prestigiosa revista literária apenas maldiz e «implicavelmente», como fustos do manifesto agravamento da crise cultural francesa.

Nem dos ataques («Les para-tu, pões de André Malraux») escreve André Thierry: «Saunders a sua entrada para o governo quando a crise des-

Malraux na chefia do Ministério da Cultura. Não pouso por ponto.

NIETZSCHE GRANDE EXPOSITO-
— Em contrapartida, a «Globo» da «Voz» do Milão foram representadas a «Globo» para as Américas e o Japão, onde os interessados, desfilando em bilhas sob a vigilância corrompida da polícia, tinham 35 segundos para se apreciar. Nisso se foi o dinheiro que possibilitaria as exposições, nenhuma se realizou por iniciativa oficial.

NENHUM SALÃO PARA LIEBES D'AMOR — Malraux decidiu converter em refatório para estudantes o único local de Paris verdadeiramente apto para uma exposição: o Grand Palais. O refatório não é frequentado: os estudantes, da Universidade para lá, teriam quase que atravessar Paris.

Isso dedicaram: só assim se eleva a arte no povo. Uma verdade que com a sua não penetrou no entendimento de Malraux, que quis levar mesmo a arte, ao povo, pegando no refatório de fábricas e oficinas algumas obras, «primas da pinura». Claro que os operários, muito saudavelmente acobertados alocando localizações com a mais total das indiferenças.

O LOUVRE — Os empregados do mais célebre museu do mundo não miseravelmente pagos, talvez como, pensando para a dose máxima de «miserabilidade», gratuitamente o ofício se faz todos os dias «engrilar». Mas o amor de Malraux pela economia vai mais longe: o Louvre abre de manhã e encerra às 5 horas; para o visitar aqueles que trabalham dispõem dos «miseráveis» que não passam dos seus dias, preferem o futebol.

VARIAS — Sumariamente e sob este título anotamos mais as seguintes: extensa lista de acusações feitas por Thierry a Malraux: tranquilizar, vício de um sistema de ensino, nas Indochinas, que não passa dos seus mortos do que teria sido vivo, a princípio do século XIX; amor pela gran-

(Conclui na 7.ª página)

ESTA PÁGINA SAI TODAS AS SEMANAS

ANDRÉ MALRAUX

ponava: os políticos pouca atenção concediam aos problemas da arte e das letras, pouco exploravam para efeito de eleições, e o autor da «Comédia Humana», encontrava enfim uma tarefa à sua medida, à medida do seu talento, da sua ambição, da sua inteligência. Mas as decepções não tardaram, e ao desapontamento sucederam-se a indignação e a revolta.

O mesmo artigo historicamente seguir os resultados dos seis anos de

«PROMESSAS E ESQUECIMENTOS — 41 por cento dos orçamentos escolares não investido em trabalhos de colaboração entre artistas e arquitetos. Depois Malraux modernizou-se: dinheiro da França não é para os artistas pobres. É a vida foi para Thierry (o tecto da obra).

A PROMOÇÃO POPULAR — Há que facilitar a «iniciação na arte e permitir a todos o suficiente lazer para se

Atacado por marxistas e católicos, Sartre é uma das mais fascinantes personalidades da cultura do século XX. Criador de uma espécie de crítica neo-literária, meta-filosófica, este existencialista viu rejeitada algumas categorias. Colocou-se como consciência perante uma outra consciência: a do romantismo. Quando fala de Paul Valéry, de José Passos ou de Mauriac — é o que se passa na consciência dentro de romantização que ele pretende examinar. Antes de tudo, dentro que existe um tempo do romance, com um tempo próprio e da romantização e que antes tempo diverso não tem nada a ver com o nosso, próprio tempo de vida.

Sartre nasceu em 21 de Junho de 1905, em Paris. Foi sua infância que conheceu as pompas burguesas, os belos livros, os bronzes de Barbedienne sobre os chapéus. Aos 11 anos, Sartre radicava-se em La Rochelle, onde observa que a burguesia não quer privar-se, sobretudo, dos seus direitos. A burguesia erigida contra o formalismo provinciano e a quietude humana sofreu uma metamorfose. Regressa a Paris e torna-se um intelectual do entre duas guerras. Conhece Emma, mulher Mauriac, escreve romances e ensaios — é despedido pelos editores. Lapa a Paul Nizan, conhece Simone de Beauvoir.

Só conseguiu um êxito importante em 1928, aos 23 anos, com a obra «A Náusea», e a celebridade aos 28 anos com «As Moscas» e «Entre Quatro Paredes». Desde 1928, o tempo de viver plenamente o espírito de entre as duas guerras, de conhecer suas fermentações, esperanças, ilusões e decepções.

Ele procura a obra de Sartre entre a guerra — «A Náusea» e «O Murro» e outros traços de «Os Caminhos da liberdade total, conhecido então que ali não terá sentido se permanece vivo e varia; e um sentido puramente literário, que deixa provisoriamente de

poesia é proibido chorar de gabriel celaya

Gabriel Celaya nasceu em Hernani (País Vasco), em 1911. Engenheiro de profissão, é no entanto, a poesia que dedica o máximo do seu talento. Reside em Madrid. Tem publicado vários livros de versos. É um dos mais representativos poetas da Espanha de hoje.

O poema «É proibido chorar» foi traduzido por Egídio Gonçalves.

É proibido chorar.
É proibido chorar os rios para o mar
onde tudo é igual.

É proibido morrer
de modo súbito, sem nada dizer,
dizendo que tanto faz o sim ou não.

É proibido violentar
e, ainda que armados de razão, atacar.
É proibido forçar.

É proibido falar do fim
quanto tudo é no entanto um: ali não ai,
é um fluente ver chegar.

É proibido o gesto
de consciência pessoal, pisar de olhos da liberdade,
porque existem os outros.

É proibido morrer
por cultura, epicurismo, ou porque assim
se descança de existir.

É proibida a moral
ou boas intenções, que, assim,
por nada dá o mais próximo.

É proibido chorar
Resoluto, ainda que sem ódio, decidir
o dizer sim claramente.

Vem para mais perto, mais perto.
Não me perguntes o que é claro. Também o vês chegar
na unidade dos homens — tu por mim.

OS LIMITES DO HOMEM E O PESCAMENTO DE SARTRE

lado a automatização filosófica de verdade que não é falhada nem com Sartre, o Rouquien de «A Náusea» é o herói do dilema conhecido, à procura de desembarcar-se das morais e convulsões, à força de rejeitar o emano, o dos costumes, o se hábito adquirido, a força de ludibrio e espírito crítico, encontra-se sem alimento para viver, pensando com efeito de uma ilu-

NOVIABDES

William Saroyan — O. K. Baby, o mundo é assim (L. Bolso-63)

Jean Riverain — Marco Polo através da Ásia desconhecida (B. Rapazes, 66)

Richard Church — Excursão acidentada (B. Rapazes-67)

Leon Uris — As Colinas da Ira (2.ª edição)

César Nogueira — Notas para a história do socialismo em Portugal (1871-1910)

João Gaspar Simões — Literatura, Literatura, Literatura... de Sá de Miranda ao concretismo brasileiro. (Col. Problemas-6)

Branco da Terra — Guiné do Século XV — Cidades de 200 000 habitantes...

Voltaire — História de Jéni (BAB-30)

João Gaspar Simões — Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa (BAB-31/32)

Edmund Cooper — Astronave da esperança (Gol Argonauta-87)

Juan García Hortelano — Novas Amizades

Henrik Ibsen — Os Pilares da Comunidade (Teatro)

K. Papiaonun — Hegel (V. P. Obra)

Jaime Cortesão — Introdução à história das bandeiras-I (O. Completas)

CARTAS DE AMOR AOS BEATLES

LUANDINO VIEIRA — LUANDA (Prémio Mota Veiga)

LIVRARIA A B C

Largo D. João IV — 17/18

C. P. 1245 — LUANDA

«LUA» assinala o nascimento DE UMA LITERATURA

A excepção da poesia (talvez de uma poesia recente, pois, por exemplo, o caso de Vieira da Cruz não pode ser considerado) não se podia falar de uma literatura angolana. Contudo, o idioma português sobeja já adaptar-se às condições particulares dos trópicos, desenvolvendo-se em novas línguas que haviam produzido autênticas literaturas diversificadas e autónomas: o brasileiro, o crioulo cabo-verdeano, o fero de S. Tomé.

Do contrário, em Angola e em Moçambique esse indispensável passo ainda não havia sido tenta-

do. Melhor ainda não se encontrava, porque não se podia imaginar-se o escritor que decide inventar uma língua, com o seu léxico, o seu gramático, o seu lógico interno. Essa língua deverá existir na boca do povo, ter-se formado por necessidade e adaptações locais do português, da sua fusão com o ambiente, os problemas de necessidade e as línguas locais.

A ficção de Angola continuava a ser representada pela pro-

(Conclui na 7.ª página)

Esqueceremos Jaurés?

Passo o cinquentenário da morte de Jean Jaurés, assassinado em Paris no trail da tremenda carnificina da guerra de 1914 — e parece que poucos lembraram a mensagem, selada pelo maior sacrifício do grande paladino da Paz. Há notícia, apenas, de dois livros publicados em França, um, das Editions Caster, resuscitando alguns discursos de poderosa «eloquência», outro, das Editions Sogehem, em que André Robinet estuda a literatura filosófica do pensador que deu ao luto do mundo as mais belas e eternas expressões morais e intelectuais neste século. Quantos sabemos hoje, nas novas gerações europeias, quem foi o «foi Jaurés»? E, no entanto, se algum dia a Europa unificada e pacificada se tornar uma realidade, para além das satisfacções dos arranjos económicos, é na raiz do apóstolo laureano que poderão encontrar-se as razões mais profundas da «utopia» finalmente cumprida. Dusa ou três gerações bastam para um emagrecer esquecimento.

ALVARO SALEMA

LEIA • ASSINE

E DIVULQUE

«ABC—Diário de Angola»

ARTES E LETRAS

«LUANDA»

(Conclusão da 3.ª pág.)

de Castro Sormenho, de Henrique Galvão, Agostinho da Silva, experiência africana de ambos, do conhecimento africano de um deles, e de todos a sua infância e juventude foram passadas em Angola, os seus trabalhos representam a primeira visão europeia do continente africano. É certo que isto não lhes limitou o valor ou o interesse, mas é necessário por as coisas no seu devido lugar.

Não podia falar-se de uma literatura brasileira em relação a Castro Alves, não obstante o patriotismo do poeta; não podia considerar em literatura brasileira o Machado de Assis, escrevendo com uma forma europeia, mas movendo do seu país. Essa nova literatura só nasceu quando os escritores sentiram a necessidade de utilizar a língua que o povo da sua pátria falava para se transformarem no seu instrumento de trabalho.

O fenómeno acaba de suceder em Angola, com a publicação dos três contos de Luandino Vieira, «Luandas» — com os quais, pelo menos, nasce a prova de ficção neste território tropical.

Além, podia editar-se que o acontecimento estava prestes a ocorrer. Anunciavam-no várias tentativas poéticas, usavam-na já os escritores quando as suas personagens empregavam o discurso directo, tentava irromper nas colunas dos jornais e ficava mais que uma aparição através dos microfones das estações de rádio.

Incontrolável, esta força de crescimento que procurava acesso, cidadãos, acabou por obter-lo — e que temos a congratular-nos — com uma obra imprevista.

Luandino Vieira faz a crónica (no sentido neo-realista do termo) da cidade humana do labirinto dos sarões de pau-a-pique que se opõem (como na capa que é própria cômica) aos arranha-céus que se aparam na baía. Uma crónica viva, humana e cheia de simpatia pelas figuras que retrata e acompanha. Estas considerações apressadas não nos permitem, hoje, uma atenção mais profunda aos problemas literários propostos por esta obra excepcional de Luandino Vieira. Prometemos, porém, que a ele voltaremos na próxima semana.

R. A.

Dr. Reinaldo de Almeida
Especialista pela Ordem dos Médicos
Doenças de Boas e Dentas
Calçada Gregório Ferreira, 22
Telef. 5885

Trépica de Araújo Rodrigues

(Conclusão da 1.ª pág.)
bém já não provava da «Nação» e tinha especial preferência pelo «Sul». Mas que tempo eu, que tenho nós com os seus gostos e

preferências? Quem se surpreenderá que o sr. Galvão goste mais do Sul que da Nação?!

Volta, depois, o ilustrar, o inatável intelectual, a referir-se à defesa que temos feito de algumas grandes empresas fundadas em Angola. Quem pode surpreender-se que defendamos as que contribuem para o progresso de Angola e retem suave confiança no seu autor? Que terá eu, ainda neste caso, com as suas preferências?

Chama depois «revistinha» à nossa Revista e refere, cínica e maldosamente, o facto de o «CITA» nos comprar 500 exemplares por mês, insinuando que é o valor dos nossos que nos permite estar bem. E isto mostra, a maldade, o delírio, a inveja vinga, que perturbam o sr. Galvão. Pôde ficar sabendo, se o não sabe, que os 500 exemplares que vendemos ao «CITA» por \$ 50000, nos custam a nós, as oficinas do «ABC», à volta de \$ 80000. Grande negócio, pois, não é verdade?!

Talvez não devêssemos responder-lhe. Não nos sobra tempo para converter os seus artigos em isto, afinal, não foi muito além disso! Lamentamos muito, entretanto.

que o sr. Galvão traga assim os seus nervos em frranja... — como afirma. Mas não nos venha pedir pelo amor de Deus, que o levoemos ao médico!

E aqui fica o nosso «ponto final» na revista. Temos de trabalhar muito, para fazer a vida que fazemos, e não podemos malabarizar o nosso tempo em questões de coisa caprinas, como esta em que inadventadamente nos vimos envolvidos.

ARAÚJO RODRIGUES

Dirija-se aos Serviços de Combate e Profilaxia à Tuberculose com o seu filho e ele se é conveniente que veja se vacine com o B.C.G.

Visado pela Comissão de Censura

ESTRADAS DE ANGOLA

(Conclusão da 3.ª pág.)
em curso e iniciadas em 1963, foi o seguinte:

Contos	823.719
Plano de Fomento	53.311
Orçamento próprio	908.130

As verbas dispendidas, no mesmo ano, foram estas:

Plano de Fomento	203.012
Orçamento próprio	21.623
Estradas	11.758
Pontes	62.310
Conservação	319.400

A rede rodoviária, actualmente a cargo do rodoviário, actualmente, resumida a isto:

Itinerário:	Quilómetros
1.ª classe	5.129
2.ª classe	3.322
3.ª classe	7.742
Adjuvantes CFB	1.829
De interesse especial	3.550
	21.623

As dotações gastas nos últimos 5 anos (1964-1969) atingiram 47.210 contos, o que corresponde à média anual de 7453 contos e nos anos posteriores, tem foram as seguintes:

1960	65.763
1961	120.389
1962	126.664
1963	235.891

Contos 584.677

Angola é formada por extenso território, bastante accidentado em algumas zonas tanto do Norte como do Centro e do Sul. As vias de comunicação rodoviárias não a base fundamental da sua economia. Em as estradas para a drenagem dos produtos da terra, tanto agrícolas como industriais e para a rápida movimentação das suas gentes,

MALRAUX

(Continuação da 3.ª pág.)

desa, em matéria de urbanismo, que leva a investir toda a verba na reedificação e aperfeiçoamento de edifícios monumentais, enquanto a iniciativa privada elege, ao lado dela, pequenas monstruosidades; grandes frações da população de estimular a acção dramática e, no concreto, tanta ignorância ou indiferença que Jean Viret se obrigou, por respeito a si próprio, a sair do «Theatre National Populaire» e ninguém mais procurou dissuadi-lo; e, etc., etc., etc.

Em outros artigos vários destes pontos são tratados mais profundamente. Assim e caso do teatro da ópera, entretanto a Chagall, cujo estilo nada tem de comum com o «Napoleão III» do edifício; e assim o caso dos fusões de Louvre, que constitui, o exemplo mais frásico do desastre, apetele de Malraux pela grandiosa (os fusos, manda, dos esbarrar pelo ministro da Cultura, nunca haviam de facto existido, segundo se averigua. Mas não está agora, pelo custo que se avalla e com a utilidade que se probe).

Em resumo, termina o artigo, «proclamamos porventura de um Malraux que não impõe o seu prestígio para exigir um orçamento digno da cultura francesa, de um Malraux que, em vez de se impor ao parlamento e chamando a responsabilidade nada encontra de melhor que evocar Joana d'Arc, as caldeiras perante meninos da escola, de um Malraux que, em lugar de agir, se transformou no guia oficial de Versailles para as alturas de visita à França». — E.

Poderá encontrar-se a bordo do paquete «Queen Mary» um assassino que é procurado pela Polícia britânica

SOUTHAMPTON, 28 — Pensando que esteja a bordo do «Queen Mary», que largou do porto de Southampton na quinta-feira, o assassino de um motorista de taxi desta cidade, a Polícia interogou ao comandante do paquete pedindo-lhe que provida a investigação.

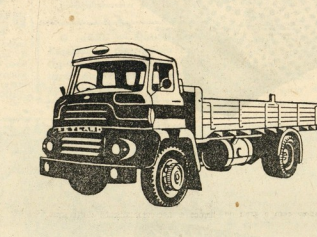
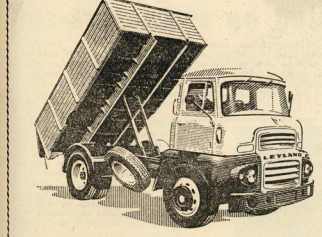
Pedidos semelhantes foram enviados para bordo de outros três paquetes que se preparam para largar deste porto do sul da Inglaterra. «Transvaal Castle», destinada à África do Sul, o «Andean», que segue para o Mediterrâneo e o «Heine del Mar», que vai efectuar um cruzeiro pelo Mediterrâneo.

No seu pedido, a Polícia mostrou-se também interessada em saber se algum tripulante mandou lavar, a bordo, qualquer peça de roupa com manchas de sangue.

O corpo de motorista assassinado, George Newberry, de 60 anos, foi encontrado nos arredores de Southampton ao princípio da manhã de quinta-feira. Newberry foi assassinado a machadada e as autoridades pensam que o assassino terá sido um marinheiro, uma vez que a sua identidade é, normalmente, constituída por membros das tripulações de navios mercantes. O assassino não roubou qualquer valor à sua vítima. — ANT.

EXLAND

SUPER COMET



CARGA — 9 TONELADAS
POTÊNCIA — 125 HP
PREÇO (EM CHASSIS) — 258.000\$00

UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS, LDA.
LOBITO • LUANDA • NOVA LISBOA

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.
LUANDA — ANGOLA
PASSAPORTES E FORMALIDADES CONSULARES
VIAGENS AERÉAS, MARÍTIMAS E TERRESTRES
C. P. 336 — Telef. 213
Endereço: Tel. 213
Endereço: Tel. 213